

# A apropriação do conceito de paradigma pela psicologia

*The appropriation of the paradigm concept by the psychology*

*Bruno Peixoto Carvalho\**

## Resumo

*Este trabalho analisa a apropriação feita pela psicologia do conceito de paradigma, formulado por Thomas Kuhn. O site de periódicos científicos Scientific Electronic Library On line (SciELO) ofereceu o material analítico deste trabalho, utilizando-se dos descritores “paradigma” e “psicologia”. Dos 34 artigos analisados, em apenas 8 deles Kuhn comparece nas referências, e nos demais 26 não há referência ao autor. Dividiu-se as artigos em dois grupos: aqueles que citaram Kuhn e os que não citaram. O primeiro grupo caracteriza-se pela exclusão da exigência da universalidade de acordo de um paradigma, ou seja, de sua característica fundamental. Quanto ao segundo grupo, foram identificados cinco significados diferentes para paradigma: paradigma como abordagem, paradigma como modelo de cuidado e atenção à saúde, paradigma como modelo experimental, paradigma como teoria e paradigma como visão de mundo. Os resultados demonstram que a apropriação do conceito de paradigma pela psicologia é incompatível com as formulações kuhnianas.*

**Palavras-chave:** *Psicologia, Paradigma, Revisão de Literatura.*

## Abstract

*This work analyses the appropriation of the paradigm concept done according to psychology and formulated by Thomas Kuhn. The site of scientific journals-Scientific Electronic Library On Line (SciELO) has given analytical background for this work when using “paradigm” and “psychology” entries. Among 34 (thirty four ) articles analyzed, Kuhn as reference is shown only in eight out of them, and in the remaining 26 (twenty six) the author is not mentioned. The*

---

\* Doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP (Bolsista CNPq, Doutorado Direto), pesquisador do Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPSI). E-mail: pcarvalhobruno@gmail.com

*articles were divided into two groups: the group who quoted Kuhn and the group who did not quote him. The first group is featured by excluding demand of the universality according to the paradigm, i.e., its core feature. Whereas in the second group five different meanings were identified: a paradigm as an approach, a paradigm as a model of health care, a paradigm as an experimental model, a paradigm as a theory, and a paradigm as a worldview. The results demonstrate that the appropriation of the concept of paradigm is incompatible to Kuhn's formulations.*

**Keywords:** *Psychology, Paradigm, Literature Review*

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo analisa a apropriação pela psicologia do conceito de paradigma, formulado por Thomas Kuhn e apresentado mais extensamente em sua *A estrutura das revoluções científicas*, publicada em 1962. As publicações do site de periódicos científicos Scientific Electronic Library On line (SciELO) encontradas pela ferramenta de busca, sob os descritores “paradigma” e “psicologia”, forneceram o material analítico deste trabalho. A busca foi realizada em 02 de janeiro de 2010, retornando 44 resultados, dos quais 10 foram excluídos da análise por não se tratarem de artigos em psicologia. Os artigos encontrados foram publicados entre os anos de 1998 e 2009.

## 2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE PARADIGMAS

Em 1962, Thomas Kuhn publica *A estrutura das revoluções científicas*, um produto das suas pesquisas em física e dos problemas que encontrou na atividade de ensino desta ciência. Kuhn não compreendia como concepções que ele considerava antiquadas gozavam de tanto prestígio na física, das quais o principal exemplo é a física aristotélica. As concepções de Aristóteles sobre o movimento pareciam absurdas aos olhos de Kuhn; entendê-las, entretanto, só foi possível quando o autor deu-se conta de que o movimento do qual falava o filósofo grego compreendia não apenas

o deslocamento de um corpo no espaço, mas inclusive o desenvolvimento humano (a vida e a morte), bem como a transformação de uma muda de carvalho em uma vistosa árvore.

A noção de paradigma, que ficou popularizada em razão da obra acima citada, está lastreada numa certa compreensão acerca do que é o empreendimento científico e o seu desenvolvimento. Convém analisar melhor como é concebida a natureza da ciência e o seu desenvolvimento por Kuhn.

Kuhn não parte de uma concepção realista da ciência e do seu desenvolvimento. A validade de um paradigma não tem qualquer relação com as relações existentes entre a teoria e a observação, visto que está dado nos marcos do próprio paradigma aquilo que lhe vale como evidência empírica, ou melhor, o que cabe na observação. Ao modo kantiano, Kuhn, mesmo não negando a realidade-em-si, nega a sua cognoscibilidade. Os limites do conhecimento são dados pela própria linguagem (Carone, 2003).

A ciência, segundo Kuhn (1962/2007), não encontra sua razão de ser na observação dos fenômenos que estuda; antes disso, já possui uma série de crenças a respeito da natureza e de seus elementos. São estas crenças que formarão o quadro analítico por meio do qual dar-se-á toda e qualquer observação do fenômeno em estudo.

Uma crise de paradigma, que pode dar origem a uma revolução científica, não é fruto do engajamento de cientistas na busca de um novo paradigma e de inovações no empreendimento científico; ela deriva, antes disso, da própria atividade da ciência normal, que em si nada possui de inovadora. Não é a busca por inovação que leva a um novo paradigma, mas, precisamente, a busca empenhada pela ciência normal em ampliar a precisão e os usos do paradigma vigente (Kuhn, 1962/2007).

Quando um conjunto de crenças que orienta um paradigma encontra-se diante de um problema que se revela como “anomalia”, tem-se uma reorientação em toda aquela comunidade científica na direção de “investigações extraordinárias” que, por sua vez, conduz a substituição de um paradigma por outro que se apresenta para a resolução dos problemas postos. Diante de problemas colocados no interior de um paradigma vigente,

e sob suas próprias regras, podem surgir mudanças nesse paradigma, de modo tal que essas mesmas mudanças passam a exigir um novo conjunto de regras, um novo paradigma (Kuhn, 1962/2007).

Isto não quer dizer que diante de uma crise do paradigma vigente surja necessariamente um outro em sua substituição. Antes mesmo do paradigma dominante entrar em crise, já está em desenvolvimento aquele que o substituirá, mas, pois que não há crise, tal antecipação não tem qualquer notoriedade. Mais do que identificar um problema não resolvido, quando se fala em crise do paradigma, fala-se de um acúmulo de anomalias que não conseguem ser enquadradas no paradigma, mesmo e apesar dos esforços da ciência normal (Kuhn, 1962/2007).

Por ciência normal, Kuhn entende aquela tradição de pesquisa fincada em realizações anteriores que gozam há algum tempo de aceitação dentro de uma comunidade científica. Duas características fundamentais conferem a uma teoria o título de ciência normal: a) suas realizações devem ter atraído um significativo número de aderentes, afastando outras formas de prática científica; b) estas realizações devem ser o suficiente amplas, deixando problemas numerosos a ser resolvidos pela comunidade científica (Kuhn, 1962/2007).

Aos empreendimentos científicos que comungam destas características, Kuhn chama de paradigma. É uma característica dos paradigmas serem uniformemente aceitos (ainda que seja, sempre, por limitado tempo), razão pela qual a ótica newtoniana é a primeira teoria sobre a luz a se constituir como um paradigma, uma vez que as concepções anteriores e suas correspondentes metafísicas não gozavam de aceitação homogênea, muito embora tenham sido definidoras do paradigma newtoniano.

Uma revolução científica, que permite substituir um paradigma por outro, caracteriza-se por forçar “a comunidade a rejeitar a teoria científica anteriormente aceita em favor de uma outra incompatível com aquela” (Kuhn, 1962/2007, p. 24). Não é apenas a teoria que é substituída por outra, mas, o novo paradigma impõe à comunidade novos problemas, determina quais problemas são ou não legítimos à ciência. Esta é uma característica definidora das revoluções científicas.

As mudanças revolucionárias compreendem descobertas que não mais se ajustam ao quadro conceitual vigente quando de sua emergência. O sol e a lua já foram considerados planetas; não mais o são desde Copérnico. Esta e outras mudanças conceituais não se pautaram num desenvolvimento cumulativo da ciência astronômica.

Kuhn (1987/2006) destaca três características de um desenvolvimento revolucionário: a) as mudanças são holísticas, alteram o conjunto do arcabouço conceitual e não apenas um ou outro conceito isoladamente; b) ocorrem mudanças substantivas na relação do significado com o referente (ou seja, entre o conceito e a natureza); c) altera-se radicalmente o modelo, as analogias, os exemplares/exemplos de uma ciência.

Estas características de uma mudança revolucionária só foram assim desenvolvidas após *A estrutura das revoluções científicas* e já estão imbuídas daquilo que Carone (2003) chamou de *linguistic turn* na obra de Thomas Kuhn.

Tal giro linguístico teve repercussões, inclusive, na forma pela qual são apreciados os episódios revolucionários. Se, n'*A estrutura das revoluções científicas*, o desenvolvimento revolucionário exigia o abandono de crenças antes aceitas por uma comunidade científica, após o giro linguístico kuhiano, ele passa a designar aquele desenvolvimento que requer transformações taxonômicas profundas (Kuhn, 1990/2006).

Este giro linguístico encontra sua base no que Kuhn definiu, desde 1962, como sendo a “incomensurabilidade entre paradigmas”. É este aspecto de *A estrutura das revoluções científicas* que dará, nos fins dos anos 1980 e na década de 1990, aos léxicos taxonômicos a primazia de que antes gozava a noção de paradigma.

A comunicação entre dois distintos paradigmas, a tradução dos termos e conceitos de um paradigma nos termos e conceitos de outro resulta tarefa quase impossível. A isto, Kuhn chamou de “incomensurabilidade entre paradigmas” (Carone, 2003). Kuhn estava, assim, rompendo com uma “teoria correspondencial da verdade” que cria poder alcançar um conhecimento verdadeiro do mundo ou mesmo o mais próximo possível da verdade.

Kuhn confessa, no posfácio de 1969 – escrito para a segunda edição de *A estrutura das revoluções científicas* –, que o termo paradigma junto

aos exemplos que ofereceu no livro é responsável pela identificação inadequada entre paradigma e teoria. Por esta razão, sugere ser mais apropriado o uso da expressão “matriz disciplinar”, uma vez que admite a existência de teorias (não-antagônicas) no interior de uma comunidade científica. O paradigma passa a ser uma parte componente da “matriz disciplinar”, possuindo o sentido mais preciso de exemplar de um dado corpo disciplinar (Kuhn, 1962/2007).

A noção de paradigma – bem como os seus correlatos “crise” e “revolução” – desde a década de 1990 fora suprimida (ou ao menos deixou de ser utilizada) pelo próprio Kuhn em detrimento da concepção de “incomensurabilidade entre teorias”, que jogava a ênfase sobre os repertórios linguísticos desta ou daquela teoria. Assim que, se na década de 1960, Kuhn comungava de uma visão gestáltica da história das ciências – segundo a qual, a substituição de uma teoria por outra resulta de uma transformação no campo perceptivo –, nos anos 1990, Kuhn adota uma perspectiva taxonômica, para a qual as transformações do campo perceptivo são elas mesmas condicionadas por um universo discursivo (Carone, 2003).

Feitas algumas considerações gerais sobre as formulações kuhnianas, convém avançar em alguns problemas que esta breve revisão conceitual coloca para quem se arvora a analisar o desenvolvimento da psicologia em termos de paradigmas.

### 3. TRINTA E QUATRO ARTIGOS, OITO CITAÇÕES A KUHN E APENAS UMA OBRA CITADA

Dos 34 artigos analisados, em apenas 8 deles Thomas Kuhn comparece nas referências bibliográficas e nos demais 26 não há qualquer referência a este autor. Ainda assim, a única obra citada é a clássica *A estrutura das revoluções científicas*, a despeito do autor ter publicado mais de uma centena de produções. A análise iniciar-se-á pelo primeiro grupo de 8 artigos, nos quais Kuhn é citado e comparece nas referências bibliográficas. Cumpre, pois, tomá-los um-a-um.

Ao defenderem a ideia de uma “revolução cognitiva” na psicologia, José Lopes, Renata Lopes e Teixeira (2004) produziram um curioso texto

que diz que “A psicologia cognitiva moderna ou processamento de informação surgiu na década de 50 do século XX e pode ser considerada um novo ‘paradigma’ no sentido kuhniano (retirando-se a exigência do critério da ‘universalidade de acordo).” (p. 17)

O curioso é que para que a psicologia cognitiva seja um paradigma no “sentido kuhniano” ela deve deixar de ser um paradigma no “sentido kuhniano”, uma vez que a constituição de um paradigma tem como exigência uma aceitação mais ou menos inequívoca e unânime pelos membros de uma comunidade científica. A concepção de paradigma, tal qual adotam os autores acima citados, sem a exigência do critério de “universalidade de acordo”, é ainda mais frouxa que a noção de paradigma em Kuhn.

Por sua vez, Romagnoli (2004), embora não poupe o leitor de seu artigo do uso do termo “paradigma”, utilizando-o no título de duas das três seções do seu texto, sequer discute o conceito. Talvez, julgando que bastasse um rodapé, a autora apenas informa que Kuhn introduziu a “palavra ‘paradigma’” (Romagnoli, 2009, p. 172). Note-se que Kuhn não criou uma palavra, mas um conceito. Para além da imprecisão em dizer que Kuhn cunhou um novo termo dicionaresco, Romagnoli ainda reduz a noção de paradigma a dois significados: “um, ligado à constelação de crenças, valores e técnicas que afetam toda comunidade científica, e o outro, ligado ao modelo que embasa as transformações científicas. Nesse texto é usada no segundo sentido.” (Romagnoli, 2009, p. 172). O que a autora chama de significado ligado a um “modelo que embasa as transformações científicas” só pode existir se existe o primeiro destes significados por ela apresentado. Ademais, na noção kuhniana de paradigma, ambos sentidos não podem ser apartados ao gosto do autor. Paradigma, na acepção kuhniana, tanto refere-se a um velho sistema de crenças e valores sólidos que entra em crise (ou pode entrar), quanto àquele outro que o substituirá.

Romagnoli (2009) situa o positivismo, a dialética e a fenomenologia naquilo que chama de “paradigma da ciência moderna”, para a partir daí apresentar um certo “paradigma emergente”. A autora, tomando um termo de Edgar Morin, caracteriza tal “paradigma da ciência moderna” como “paradigma da simplificação”. Para além de ter caracterizado vulgarmente estes três supostos membros do “paradigma da ciência moderna”, é a autora

quem parece simplificar as próprias ideias ao chamar tais escolas filosófico-científicas de “paradigma da simplificação”. Tomando-se os escritos de Kuhn, nota-se que a tradição positivista – mesmo apesar das críticas do autor aos positivistas do “Círculo de Viena” – é aquela escola de pensamento que lhe oferece todos os exemplos de paradigmas e de revoluções científicas. Outrossim, o conceito de paradigma, para Kuhn, não é tão largo que abarque escolas tais como o positivismo, a dialética e a fenomenologia. Romagnoli tomara o termo “paradigma” de Morin para caracterizar o que seria um “paradigma da complexidade” sem, entretanto, demarcar quaisquer diferenças entre as noções de Kuhn e Morin.

Neubern (2000) defende o estudo das emoções como elemento para uma “Epistemologia Complexa da Psicologia” e toma de Morin a mesma concepção de “paradigma simplificador” de que se utilizara a autora supracitada. Entretanto, tenta qualificar o seu uso: “Constituindo-se em um momento central do conhecimento, o paradigma se faz invisível e inatacável diretamente, favorecendo uma visão da realidade que é tomada como certa e, ao mesmo tempo, ocultando-se enquanto momento central e determinante.” (p. 154)

Embora não ofereça um conceito ou exposição mais pontual do que seria um paradigma, Neubern (2000) tenta caracterizá-lo antes de utilizar-se do termo em sua exposição. Neubern recupera a análise de Gergen a respeito dos paradigmas como significados compartilhados e dos “núcleos de inteligibilidade”, o que não difere da sociolinguística de Kuhn. Mas, bem vistas as coisas, não há, também, uma demarcação da noção de paradigma em questão. Não se sabe em que medida ela difere das elaborações kuhnianas e em qual se aproxima, não se sabe se ela é realmente necessária ou se é facilmente substituída pelo termo “epistemologia”, visto ser esse o termo que nomeia a perspectiva de Morin, a saber: a epistemologia da complexidade. É neste sentido epistemológico que Neubern (2000) posiciona seu artigo: interessa-lhe os limites do conhecimento, a relação sujeito e objeto, a inteligibilidade do real etc. Não lhe teria feito falta o termo “paradigma”.

Na defesa de um construcionismo eclético, Neubern (2000) olvida-se do fato de que Gergen apoia-se na noção de paradigma de Rom Harré,

que pouco difere da concepção kuhniana, a não ser pelo fato de ser muito menos precisa. Por paradigma, Harré concebe um conjunto de pressupostos sobre a natureza dos objetos e um método consequente para a obtenção de conhecimentos a respeito de tais objetos. Harré estava preocupado com a problemática individualista (paradigma individualista) da psicologia e com a sua superação por outra que fosse coletivista (paradigma coletivista), social (Carone, 2003).

Em dois outros artigos de Neubern (2001, 2002) não há qualquer pista a respeito de como se constitui sua noção de “paradigma”. Nos três artigos há um “velho paradigma”, um “paradigma simplificador”, que encontra na epistemologia da complexidade a sua superação.

Por sua vez, Espírito Santo, Jacó-Vilela e Ferreri (2006) analisam as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro publicadas entre 1832-1930 sobre a temática da infância, bem como investigam de que modo a ciência médico-psicológica refletiria o que os autores chamam de construção e disciplina do corpo infantil. Os autores caracterizam o pensamento sobre a infância como um paradigma, como conhecimento compartilhado pela comunidade médica. Neste sentido, pode-se dizer que é preciso o uso do conceito de “paradigma”; a noção de consenso, tão presente na obra de Kuhn, se faz presente. Se, esta noção faltara aos artigos anteriormente analisados, neste artigo ela fora o único sentido de “paradigma” que os autores atribuíram à ciência do período a respeito do qual pesquisaram. Entretanto, esta não é a única característica que define um paradigma e Kuhn jamais utilizou, como exemplo de paradigma, qualquer ciência aplicada (como a medicina), mas apenas as ciências básicas. É de se duvidar que as ciências aplicadas se enquadrem seja no modelo de ciência normal seja no modelo de paradigma kuhniano.

Cumprir frisar que, à diferença dos artigos anteriormente analisados, o trabalho de Espírito Santo, Jacó-Vilela e Ferreri (2006) não faz uso do conceito de “paradigma” para apresentar um “paradigma velho” e caracterizar um “novo paradigma” que o substituiria, mas, sobretudo, para caracterizar o pensamento médico-psicológico dos séculos XIX e XX. A qualidade dos dados da pesquisa, o uso que fazem das fontes primárias

e a caracterização que fazem do período colonial brasileiro, dispensariam a referência a Thomas Kuhn e as duas vezes em que o termo “paradigma” comparece no texto.

Há um artigo que se destaca pela preocupação do autor em apresentar detalhadamente a noção de paradigma, que adota de Kuhn. Ao abordar a contribuição de teorias psicológicas para a educação, Cunha (1998) tratou tais teorias sob o rótulo de paradigmas. Entretanto, anuncia que apenas adotará as ideias de Kuhn parcialmente. O autor define “paradigma” e “comunidade científica”, bem como adota a reformulação de Kuhn sobre a maior adequação do termo “matriz disciplinar” em relação ao termo “paradigma”. O comportamentalismo, a psicanálise e a epistemologia genética de Piaget são postas baixo o título de paradigmas.

Entretanto, a tentativa de adequar a ciência psicológica levou Cunha (1998) a simplificar em demasiado o seu enquadre. Assim, diz o autor:

Para ficar em nossos exemplos, a Psicanálise visa a compreender as forças inconscientes em sua luta contra as exigências da realidade, e define a “interpretação” como o instrumento adequado para tanto. O Comportamentalismo, tanto na versão associacionista russa quanto na vertente ambientalista norte-americana, dá ênfase às ações exteriores do organismo, repudiando conceitos mentalistas tidos como impossíveis de serem apreendidos objetivamente, o que encaminha as ações do pesquisador para métodos de observação e registro do comportamento observável. Piaget apresenta uma teoria para explicar as formas elementares do conhecimento e o modo como estas formas se desenvolvem, da criança ao adulto, o que sugere ao cientista a necessidade de trabalhar com métodos de observação e entrevista clínica para apreender a mudança das estruturas cognitivas. (Cunha, 1998, p. 117)

Simplificadas as coisas, o próximo passo do autor é afirmar a psicologia como ciência normal. Na interessante defesa que faz do uso do conceito de paradigma para as teorias psicológicas, o autor ressalta que na ciência psicológica vários paradigmas coexistem, visto que um não substitui o outro, ao contrário do que se depreende da análise que faz Kuhn do desenvolvimento das ciências; com isto, o autor marca em que ponto sua concepção difere da de Kuhn, ao mesmo tempo que o afasta da credulidade que Lopes et al. (2004) devotaram ao modelo kuhniano, quando argumentaram que a psicologia cognitiva era a substituição do paradigma comportamental na

psicologia experimental. Cunha (1998) traz, para a psicologia, a concepção de paradigma de Kuhn quase por inteira, salvo o fato de que concebe a psicologia como ciência multiparadigmática. É também o único autor que cita o famoso prefácio de 1969, no qual Kuhn reformula muitas de suas concepções, faz reparos e responde a seus críticos.

Por fim, o artigo de Lopes (2002) analisa o caráter interdisciplinar da categoria “identidade” a partir do seu desenvolvimento em diversas disciplinas científicas. O autor utiliza-se de Thomas Kuhn para marcar a semelhança entre o caráter descontínuo de um paradigma e a noção de “identidade como metamorfose” desenvolvida por Ciampa. Não deixa, contudo, de se referir a tal noção como um paradigma: o paradigma da identidade. Segundo o autor: “Desse ponto de vista, a identidade é um paradigma que se conforma com toda a Psicologia, mas a metamorfose se opera analítica e preferencialmente na Psicologia Social, onde as ações societárias pressupõem ações racionalmente motivadas.” (Lopes, 2002, p. 23)

Paradigma, para Kuhn, não possui o sentido restrito de uma teoria, e menos ainda de um conceito ou categoria. Resultaria mais preciso afirmar que a identidade é um conceito ou categoria que atravessa a psicologia e outras ciências humanas sociais. O autor, aliás, concebe a crise de paradigma como uma decorrência de problemas apresentado pela própria realidade. Com isso, comunga de uma perspectiva realista que, de todo, é incoerente com a recusa de Kuhn a qualquer teoria correspondencial da verdade.

Tendo apresentado este primeiro grupo de artigos, composto por aqueles trabalhos em que Kuhn aparece citado nas referências bibliográficas, convém passar ao segundo grupo, composto de 26 artigos, os quais sequer citam Kuhn, mas, que foram igualmente encontrados na busca do SciELO, sob os descritores “paradigma” e “psicologia”.

Dois dos artigos analisados (Sarriera et al., 2003; Chaves, 2003) deste segundo bloco destacaram-se dos demais pelo simples fato de explicarem o que concebem como “paradigma”, oferecendo uma concepção alternativa à de Kuhn. Ambos partem da noção de paradigma formulada por Maritza Montero, que se refere a um modelo científico e sistemático de ideias e interpretações a respeito da atividade humana (Sarriera et al.,

2003). Esta concepção é ainda mais ampla que a de Kuhn e dá margens em ambos artigos a uma vastidão de paradigmas como “paradigma do racismo científico”, “paradigma eurocêntrico”, “paradigma clínico”, “paradigma ecológico-conceitual” e “paradigma social-crítico”.

Dentre os demais artigos analisados, foram identificados cinco sentidos diferentes para paradigma. São eles: a) paradigma como abordagem, b) paradigma como modelo de cuidado e atenção à saúde, c) paradigma como modelo experimental, d) paradigma como teoria ou conceito e, d) paradigma como visão de mundo.

Paiva (2008) apresenta a “abordagem construcionista” (expressão da autora), derivada das ações de teóricos do campo feminista e homossexual, como abordagem alternativa ao que a autora chama de “abordagem sexológica” da sexualidade; a estas perspectivas, Paiva ora nomeia “paradigma”, ora nomeia “abordagem”.

O paradigma como modelo de cuidado e atenção à saúde aparece nos artigos de Santos, Rosenburg e Buralli (2004), Müller, Paul e Santos (2008) e Sebastiani e Maia (2005) e, em geral, apresenta sob os termos “paradigma biomédico” e “paradigma psicossocial” o que já foi chamado de “modelo biomédico” e “modelo psicossocial”, como se exempifica na afirmação de Santos, Rosenburg e Buralli (2004) de que “faz-se necessária uma mudança de paradigma nessa missão de atender pessoas; é preciso humanizar o atendimento nos serviços de saúde.” (p. 275)

O paradigma como modelo experimental envolve expressões como: “paradigma psicofísico da escolha forçada” e “paradigma psicofísico de somação de resposta supra-limiar”, que descrevem modelos experimentais de frequência de estímulos (Santos & Simas, 2002), bem como “paradigma do efeito da falsa informação” (Alves & Lopes, 2007), utilizado para avaliar a memória e testar as “falsas memórias”.

Compreendendo o paradigma como teoria ou conceito, encontra-se o “paradigma darwinista” como um aporte à psicologia evolutiva (Vasconcellos & Gauer, 2004; Lopes & Vasconcellos, 2008) ou mesmo o “paradigma hermenêutico”, fundado na fenomenologia de Ricoeur (Sodré, 2004). De modo similar, procedem Almeida e Falcão (2008), ao analisar as relações entre as ideias piagetianas, o “paradigma neodarwinista” e o “paradigma

epigenético”, ambos paradigmas oriundos da biologia; estes últimos autores não associam a psicologia ou as ideias piagetianas a qualquer noção de paradigma, apenas utilizam o termo para caracterizar os dois paradigmas citados da biologia.

Exemplo de paradigma como visão de mundo, ou mesmo como um “olhar”, pode ser encontrado em Jacó-Vilela (1999) quando a autora afirma, a respeito de Eliezer Schneider que:

Nesta linha, vale reafirmar que a principal influência de Schneider se encontra, sem dúvida, na formação de toda uma geração de psicólogos sociais que, como ele, aprendemos a estender nosso olhar além do paradigma individualista que geralmente caracteriza a Psicologia. (p. 340)

No paradigma como visão de mundo estão inclusas também aquelas posturas que concebem o paradigma como uma dada forma de pensar, característica de certo período histórico. Aqui se incluem trabalhos que utilizaram a expressão “paradigma da modernidade”, como fora o caso de Mairesse e Fonseca (2002), que opõem o paradigma ético-estético e político ao saber instituído pela modernidade, de que se infere que este paradigma é o termo antagonista de um “paradigma moderno”. Barbieri (2008) também utiliza o termo como visão de mundo típica da modernidade. O artigo de Hünning e Guareschi (2005) situa as especialidades científico-profissionais no delineamento histórico do “paradigma da modernidade”. Os artigos de Molon (2004) e Neubern (2005) revelam que a noção de “paradigma da modernidade” é tributária do português Boaventura de S. Santos. Tassara (2005), por sua vez, sugere um paradigma, que ela nomeia de “Paradigma da Ciência Ambiental Prospectiva”, como alternativa de oposição ao que ela caracteriza como ideologia ambientalista. Portela (2008) concebe que a crise da psicologia é a crise do “paradigma da subjetividade”, caracterizado por ser produto da modernidade e carregar por consequência disso, uma visão de mundo individualista; a este paradigma, Portela opõe-lhe um “paradigma em construção”, inspirado na noção de complexidade. Nesta direção, encontra-se também o artigo de Narvaz e Koller (2007) que, imputando ao feminismo a crítica à modernidade, identificam-o como um

paradigma: o “paradigma feminista”; as autoras também tratam de um “paradigma construcionista”, o que também qualifica sua noção de paradigma enquanto abordagem.

Muito embora os cinco sentidos de paradigma aqui identificados sejam coerentes com a noção kuhniana de paradigma, não se pode dizer que, tomados isoladamente, sejam suficientes para conformar um paradigma.

Uma estranha concepção de paradigma distinta de todas as até agora apresentadas é a que se depreende do artigo de Laurenti (2008), a noção de paradigma como estado psíquico:

Podemos buscar uma formulação positiva da liberdade na própria descrição do sentimento da graça, que exhibe o processo de interiorização em que se opera um retorno da consciência a si mesma. Em última análise, podemos dizer que encontramos no sentimento da graça o paradigma da experiência da liberdade. (p. 50)

Mencarelli e Vaisberg (2005) também oferecem uma concepção de paradigma, difícil de classificar; em seu artigo, o brincar é um “paradigma para a instalação do campo clínico” (p. 415). Junto com esta estranha noção, aparece também uma expressão popularizada por Thomas Kuhn: mudança de paradigma. Segundo as autoras: “Assistimos aqui a uma mudança de paradigma que faz com que Winnicott (1971) afirme que a psicoterapia só se faz possível na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente a do analista.” (Mencarelli & Vaisberg, 2005, p. 419)

Outro artigo que ilustra de que modo o uso indiscriminado do termo “paradigma” resultou em asserções estranhas é o artigo de Lages e Silva e Neves da Silva (2008): “vamos chamar de paradigma preventivo ao conjunto de dispositivos que vão se constituir em torno do sentimento de insegurança urbana.” (p. 144). Trabalhando com uma noção de poder próxima à leitura que Cecília Coimbra faz de Foucault, os autores empregam um termo (paradigma preventivo) que a esta noção parece demasiado alheia.

Em uma revisão de literatura sobre “adolescência, sexualidade e mídia”, Miguel e Toneli (2007) utilizam-se da expressão “paradigma dominante”, mas, em nenhuma das afirmações a respeito do papel da mídia na manutenção do “paradigma dominante”, as autoras afirmaram a que se

referiria tal expressão. No artigo, não é possível delimitar se as autoras tratam do “paradigma dominante” sobre a sexualidade, sobre adolescência, sobre sexualidade na adolescência ou qualquer outra coisa.

O uso do termo “paradigma” (e aqui o uso é mesmo de um “termo”, visto que não há qualquer preocupação conceitual dos autores com o uso que fazem) neste segundo bloco de artigos (à exceção dos dois primeiros artigos apresentados) é tão relaxado que eles podem, sem risco de cometer injustiças, ser analisados sob um mesmo bloco, a despeito das diferenças dos objetos de que tratam e do referencial teórico de que partem.

Lopes e Vasconcellos (2008), por exemplo, apresentam a psicologia evolutiva como uma reação ao “paradigma dominante” das perspectivas ambientalistas que tributavam ao ambiente as determinações da mente. Note-se que um artigo que apresenta ideias como a de que uma seleção sexual moldou o cérebro de homens e mulheres, inclusive, em termos de mecanismos psicológicos, é apresentado como o “novo paradigma” em relação ao “paradigma dominante”.

“Paradigma”, nestes artigos, costuma vir próximo a palavras como “novo” e “velho”. Em geral, o termo “velho” serve para caracterizar a perspectiva à qual o autor se opõe e “novo” para caracterizar aquela à qual o autor ou autora se filia. É um uso tão indiscriminado que o “novo” qualifica desde o “Paradigma da Ciência Ambiental Prospectiva” (Tassara, 2005) até o “paradigma evolucionista do Transtorno de Personalidade Anti-Social”, que incorpora contribuições da psicologia evolutiva, da sociobiologia, dentre outros.

Por fim, cumpre mencionar que o artigo de Brockmeier e Harré (2003), também não apresentam a concepção de paradigma em que se assenta a defesa da narrativa como um paradigma alternativo na psicologia. Tal menção deve-se ao fato de que Harré participara dos intensos debates em torno do conceito de “paradigma” na década de 1980.

O escrutínio neste trabalho quanto ao termo/conceito “paradigma” deve-se ao fato de que mesmo sendo esta uma palavra que do ponto de vista idiomático preceda o seu uso como conceito científico, não se pode mais falar em paradigma sem trazer consigo o conjunto de desenvolvimentos, debates e problemas que este conceito carrega consigo desde 1962. Mesmo

aqueles trabalhos que utilizam o termo em sua forma corriqueira acabam por contribuir com a disseminação de um conceito que é dotado de uma visão de mundo e de ciência que são, muitas vezes, incompatíveis com aquelas dos autores que os escreveram.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS OU "ALGUMAS PALAVRAS SOBRE PSICOLOGIA E PARADIGMAS"

Kuhn, para os autores aqui analisados, não passa de um “autor de uma obra só”, o que, de fato não é justo para com o volume de sua produção científica. Os artigos analisados sequer consideraram o intenso debate em torno das formulações kuhnianas que se seguiram nas décadas de 1980 e 1990, em que se destacaram nomes importantes como Harré, Gergen e Danziger, conforme bem documentou Carone (2003)

Nas obras posteriores à publicação de *A Estrutura das revoluções científicas*, a psicologia teria encontrado uma concepção muito mais sociolinguística que gestáltica, que, se de um lado, resolve problemas que as primeiras formulações kuhnianas deixaram àqueles que fizeram uma cega apropriação de seus escritos, por outro, parece muito mais afeita às pretensões paradigmáticas da psicologia.

Acrescente-se ainda que: “Para ser aceita como paradigma, uma teoria deve parecer melhor que suas competidoras, mas não precisa (e de fato isso nunca acontece) explicar todos os fatos com os quais pode ser confrontada.” (Kuhn, 1962/2007). Quando se trata da psicologia, nenhuma mulher ou homem de ciência poderia defender o behaviorismo, a psicologia fenomenológica ou a psicanálise como melhor que as demais, se não os próprios behavioristas, fenomenólogos e psicanalistas. A concepção de paradigma que se depreende dos escritos de Kuhn é, em sua natureza, de caráter consensual, e em não havendo relativo consenso, falar em paradigma é artificial às formulações kuhnianas.

Carone (2003), em sua análise sobre o debate em torno da questão do estatuto paradigmático da psicologia dos anos 1960-1990, alertara que “A maior parte dos livros de Kuhn não se encontra citada nessa literatura de recepção – nem mesmo os livros que, pela ordem cronológica, deveriam

ser citados” (p. 109). No caso dos artigos analisados na presente pesquisa, apenas um livro se encontra citado. Para Carone, a psicologia tomou os escritos de Kuhn como se fossem um imperativo categórico para portar paradigmas.

Mesmo considerando-se limitada a capacidade de generalização dos resultados da análise aqui empreendida, é de se sugerir que a literatura psicológica, entre 1998-2009, também não fez grandes avanços na direção de apropriar-se do debate sobre os paradigmas. Seja em 1980, seja em 1990, seja nos anos 2000, a literatura psicológica utilizou-se de um sem-fim de formulações kuhnianas sem preocupar-se com a coerência de suas próprias formulações com as de Kuhn.

São muitas revoluções para uma ciência de pouco mais de um século, alerta Carone (2003).

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. V., & Falcão, J. T. R. (2008). Piaget e as teorias da evolução orgânica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2 (21) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a22.pdf>.
- Alves, C. M., & Lopes, E. J. (2007). Falsas Memórias: questões teórico-metodológicas. *Paidéia*, 36 (17) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a05.pdf>.
- Barbieri, V. (2008). Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo como método de investigação científica. *Psicologia em Estudo*, 3 (13) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a19.pdf>.
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 3 (16) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n3/v16n3a11.pdf>.
- Carone, I. (2003). *A Psicologia tem paradigmas?* São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Chaves, E. S. (2003). Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da Psicologia das Massas nos primórdios da Psicologia Social brasileira. *Psicologia em Estudo*, 2 (8) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a03.pdf>.
- Cunha, M. V. (1998). A psicologia na educação: dos paradigmas científicos às finalidades educacionais. *Revista da Faculdade de Educação*, 2 (24) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt).
- Espírito Santo, A. A., Jacó-Vilela, A. M., & Ferreri, M. A. (2006). A imagem da infância nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro – (1832-1930). *Psicologia em Estudo*, 1 (11) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a03.pdf>.
- Hünning, S. M., & Guareschi, N. M. F. (2005). O que estamos construindo: especialidades ou especialismos? *Psicologia & Sociedade*, 1 (17) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a14v17n1.pdf>.
- Jacó-Vilela, A. M. (1999). Eliezer Schneider: um esboço biográfico. *Estudos de Psicologia*, 2 (4) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n2/a09v4n2.pdf>.
- Kuhn, T. S. (1962/2007). *A estrutura das revoluções científicas* (9ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Kuhn, T. S. (1977). Second Thoughts on paradigms. In: Suppe, F. (ed.) *The Structure of Scientific Theories*. (2<sup>nd</sup>. ed.) Chicago: University of Illinois Press.
- Kuhn, T. S. (1987/2006). O que são revoluções científicas. In: Kuhn, T. S. *O caminho desde a estrutura*. São Paulo: Editora UNESP.
- Kuhn, T. S. (1990/2006). O caminho desde A estrutura. In: Kuhn, T. S. *O caminho desde a estrutura*. São Paulo: Editora UNESP.
- Kuhn, T. S. (1995/2006). Um debate com Thomas S. Kuhn. In: Kuhn, T. S. *O caminho desde a estrutura*. São Paulo: Editora UNESP.
- Laurenti, C. (2008). Bergsonismo, psicologia e liberdade. *Psicologia em Estudo*, 1 (13) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a05.pdf>.

- Lopes, E. J., Lopes, R., & Teixeira, J. F. (2004). A psicologia cognitiva cinquenta anos depois: a crise do paradigma do processamento de informação. *Paidéia*, 27 (14) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n27/04.pdf> .
- Lopes, J. R. (2002). Os caminhos da identidade nas Ciências Sociais e suas metamorfoses na Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 1 (14) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a02.pdf> .
- Lopes, R. G., & Vasconcellos, S. (2008) Implicações da teoria da evolução para a psicologia: a perspectiva da psicologia evolucionista. *Estudos de Psicologia*, 1 (25) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n1/a12v25n1.pdf> .
- Mairesse, D., & Fonseca, T. M. G. (2002). Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 2 (7) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n2/v7n2a13.pdf> .
- Mencarelli, V. L., & Vaisberg, T. M. J. A. (2005). Iluminando o self: uma experiência clínica psicanalítica não convencional. *Estudos de Psicologia*, 4 (22) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n4/v22n4a09.pdf> .
- Miguel, R. B. P., & Toneli, M. J. F. (2007). Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 2 (12) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a09.pdf> .
- Molon, S. I. (2004). Algumas questões epistemológicas e éticas da psicologia: a avaliação em discussão. *Psicologia & Sociedade*, 1 (16) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a09.pdf> .
- Müller, A. P., Paul, C. L., & Santos, N. I. S. (2008). Prevenção às drogas nas escolas: uma experiência pensada a partir dos modelos de atenção em saúde. *Estudos de Psicologia*, 4 (25) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a15v25n4.pdf> .

- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2007). Feminismo e Terapia: A Terapia Feminista da Família – Por uma Psicologia Comprometida. *Psicologia Clínica*, 2 (19) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a09v19n2.pdf> .
- Neubern, M. S. (2000). As Emoções Como Caminho Para Uma Epistemologia Complexa da Psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 2 (16) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n2/4378.pdf> .
- Neubern, M. S. (2001). Três Obstáculos Epistemológicos Para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1 (14) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5222.pdf> .
- Neubern, M. S. (2002). Milton H. Erickson e o Cavalo de Tróia: A Terapia Não Convencional no Cenário da Crise dos Paradigmas em Psicologia Clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2 (15) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14359.pdf> .
- Neubern, M. S. (2005). A dimensão regulatória da Psicologia clínica: o impacto da racionalidade dominante nas relações terapêuticas. *Estudos de Psicologia*, 1 (10) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v10n1/28010.pdf> .
- Paiva, V. (2008). A Psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, 4 (13) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a02.pdf> .
- Portela, M. A. (2008). A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. *Estudos de Psicologia*, 1 (25) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n1/a13v25n1.pdf> .
- Romagnoli, R. C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, 2 (21) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a03.pdf> .
- Santos, A. L. D., Rosenburg, C. P., & Buralli, K. O. (2004). Histórias de perdas fetais contadas por mulheres: estudo de análise qualitativa. *Revista de Saúde Pública*, 2 (38) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n2/19788.pdf> .

- Santos, N. A., & Simas, M. L. B. (2002). Percepção e Processamento Visual da Forma em Humanos: Filtros de Frequências Radiais de 1 e 4 cpg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2 (15) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14361.pdf> .
- Sarriera, J. C., Moreira, M. C., Rocha, K. B., Bonato, T. N., Duso, R., & Prikladnicki, S. (2003). Paradigmas em psicologia: compreensões acerca da saúde e dos estudos epidemiológicos. *Psicologia & Sociedade*, 2 (15) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v15n2/a07v15n2.pdf> .
- Sebastiani, R. W., & Maia, E. M. C. (2005). Contribuições da psicologia da saúde-hospitalar na atenção ao paciente cirúrgico. *Acta Cirúrgica Brasileira*, (20) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/acb/v20s1/25568.pdf> .
- Silva, R. L., & Silva, R. N. (2008). Paradigma preventivo e lógica identitária nas abordagens sobre o Hip Hop. *Fractal: Revista de Psicologia*. 1 (20) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v20n1/a15v20n1.pdf> .
- Sodré, O. (2004). Contribuição da Fenomenologia Hermenêutica para a Psicologia Social. *Psicologia USP*, 3 (15) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24605.pdf> .
- Tassara, E. T. O. (2005). Psicologia Ambiental e Futuro - Reflexões Geopolíticas Sobre Política Ambiental. *Psicologia USP*, 1-2 (16) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n1-2/24663.pdf> .
- Vasconcelos, S. J. L., & Gauer, G. J. C. (2004). A abordagem evolucionista do transtorno de personalidade anti-social. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 1 (26) Recuperado em 02 de janeiro de 2010 de <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v26n1/20480.pdf> .